



VOLUME 16, NÚMERO 2
Julho- Dezembro 2020

“As virtudes do esporte na escola” - uma apologia da técnica na Educação Física

Narayana Astra van Amstel¹, Leonardo Girardi Rodriguez ²

¹ Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná

²: Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Contato: narayana.astra@gmail.com

SUBMETIDO EM: 18-11-2019

PRIMEIRO RESULTADO: 20-05-2020

RESULTADO FINAL: 20-07-2020

RESUMO: O presente artigo é uma resenha do livro “*As virtudes do esporte na escola*”, do Prof^o Alessandro Barreta Garcia. Publicado em 2016, o livro adentra o campo acadêmico com o potencial de polemizar as discussões no âmbito da Educação Física escolar. Ao versar sobre as possíveis virtudes da técnica, Garcia defende mecanismos de reprodução dos movimentos tidos como corretos e enaltece o período militar da Educação Física brasileira. O autor, em uma defesa vivaz do Tecnicismo, alega a presença de discursos ideológicos de cunho marxista, progressista e construtivista na Educação Física atual que acabam por minar a importância do esporte na prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Educação Física Escolar; Técnica; Regime Militar.

“The virtues of sport in school” - an apology of technique in Physical Education

ABSTRACT: This article is a review of the book “*As virtudes do esporte na escola*” by Prof. Alessandro Barreta Garcia. Published in 2016, the book enters the academic field with a potential to whip up polemic discussions in Physical Education at school. By addressing the possible virtues of technique, Garcia defends mechanisms of reproduction of movements considered technically correct and praises the military period of Brazilian Physical Education. The author, in a lively defense of Technicism, claims the presence of marxist, progressive and constructivist ideological discourses in current Physical Education that end up undermining the importance of sport in pedagogical practice.

KEYWORDS: Sport; Physical Education at school; Thecnique; Military Regime.

“Las virtudes del deporte en la escuela”: un complemento de la técnica en educación física

RESUMEN: Este artículo es una revisión del libro "*As virtudes do esporte na escola*" del Prof. Alessandro Barreta García. Publicado en 2016, el libro ingresa al campo académico con el potencial de polarizar las discusiones dentro de la Educación Física escolar. Al abordar las posibles virtudes de la técnica, García defiende los mecanismos de reproducción de los movimientos considerados correctos y elogia el período militar de la Educación Física brasileña. El autor, en defensa viva del Tecnicismo, alega la presencia de discursos ideológicos marxistas, progresistas y constructivistas en la educación física actual que terminan socavando la importancia del deporte en la práctica pedagógica.

PALABRAS-CLAVE: Deporte; Educación física escolar; Técnica; Régimen militar.

“*As virtudes do esporte na escola*”, publicado pela Paco Editorial em 2016, é um livro que adentra o campo acadêmico da Educação Física Escolar com intenção de apresentar uma voz destoante e em certo sentido polêmica diante das perspectivas marxistas, progressistas e construtivistas, tidas pelo autor do livro, Alessandro Barreta Garcia, como abordagens predominantes na área.

Segundo Garcia, a intenção que norteia sua obra é a de fornecer propostas que não deixem de lado as chamadas “tradições da Educação Física” (GARCIA, 2016, p.5). Nesse sentido, o autor acredita que a Educação Física escolar e mais precisamente o ensino do esporte e das técnicas, estão sendo alvos de ataques que os desqualificam em seus conteúdos pedagógicos. Garcia

defende que a individualização tem sido sobrevalorizada no processo de ensino-aprendizagem, provocando a perda das técnicas universais frente a um possível relativismo e variação nos padrões de movimento dos alunos. Para ele, os valores, tradições, costumes, ética e identidade da Educação Física têm sido ignorados pelas correntes marxistas, construtivistas e progressistas dentro da área, provocando perdas que corrompem o desenvolvimento do indivíduo no meio escolar.

Em determinados trechos, o autor acaba sendo enfático na defesa de sua tese, onde por vezes passa a assumir tons de arrogância para com os críticos do tecnicismo. Afirma realizar uma “refutação implacável” dos ataques à técnica; sem medo de soar arrogante, adjetiva as concepções marxistas, construtivistas e progressistas como pensamentos subdesenvolvidos que tem minado as bases da Educação Física na atualidade.

O autor retrata a origem do esporte, bem como as virtudes que o compõem, como advindos da Antiguidade Ocidental, mais precisamente do contexto greco-romano. Através de raízes europeias, as bases racionais das práticas de andar, saltar, empurrar, arremessar, dentre outros movimentos, teriam sido tecidas ao longo do desenvolvimento da humanidade. Já no contexto brasileiro, a educação do governo militar (1964-1985) teria sido a que mais enfatizou o ensino dos esportes e da técnica, associando-os ao cultivo de valores morais e racionais. Entretanto, ao fim desse período, Garcia afirma que muitas correntes de pensamento dentro da Educação Física teriam atacado as bases do ensino militar, considerando o ensino dos esportes e das técnicas como alienantes e excludentes, reprodutores de desigualdades sociais, dentre outros problemas.

Visando contrapor essas vozes consideradas predominantes no meio acadêmico, Garcia propõe responder o seguinte questionamento: Qual a necessidade da utilização da técnica nas aulas de Educação Física? Para isso, averiguou como a técnica se apresenta e se efetiva no cenário da Educação Física escolar. Não menos importante, o texto é um embate (um tanto agressivo) com a perspectiva de crítica ao tecnicismo, especificamente de Daolio e Veloso (2008), citando-os frequentemente como percepções errôneas da técnica e que carecem de revisão.

Garcia (2016) abre seu raciocínio fazendo uma analogia do ato de ler e escrever com o aprendizado das técnicas corporais. O processo da alfabetização não pode ser considerado natural, tendo em vista que necessita da orientação de um professor para tal, racionalizando o ato. O aprendizado de normas gramaticais, gêneros textuais, caligrafia, dentre outros conhecimentos de um idioma, requerem memorização, repetição e prática de habilidades de

comunicação, expressão e interpretação. Nesse mesmo sentido, Garcia (2016) propõe que o aprendizado de técnicas corporais também precisaria de bases sólidas que o fundamentem. Com orientação platonista, o autor defende que não é possível um aprendizado adequado sem fundações sólidas, que sejam de caráter universal, racional e, em certo sentido, “imutáveis”.

Para Garcia (2016), os críticos do tecnicismo estariam por minar a lógica do aprendizado, invertendo o processo de aprendizagem, colocando individualismos e adaptações à técnica na frente de seu conceito parcialmente “imutável” do que seria o ideal para o desenvolvimento do aluno. Dessa forma, para aprender a dançar ou correr, seria imprescindível o conhecimento de andar; para arremessar algo, seria necessário primeiro aprender a agarrar o objeto para lançá-lo, e assim por diante. Ou seja, para Garcia, não há ensino de qualquer conteúdo sem técnica que o preceda.

Garcia (2016) considera que uma técnica efetiva que transpõe o fator temporal seria uma tradição universal da humanidade. Para que uma técnica se torne uma tradição, ela deve ser bem-sucedida, bem como precisa apresentar a possibilidade de replicação em qualquer parte do mundo, por qualquer indivíduo, e assim ser passada de geração em geração como ferramenta para diminuição do esforço e melhora do rendimento. Aqui, Garcia apresenta o conceito de técnica como algo limitado ao ensino na fase inicial de movimentos básicos, negligenciando toda e qualquer variação em seu modelo. As adaptações e inovações podem vir a ocorrer, porém somente após o domínio das técnicas fundamentais.

Nessa perspectiva, o autor apresenta a noção de imutabilidade da técnica: por se tratar de uma base, um modelo para o processo de aprendizagem, precisaria ser imutável. Caso seja variável, não haveria uma avaliação adequada; nas palavras do autor, “como avaliar algo que hoje é uma coisa e amanhã é outra?” (GARCIA, 2016, p. 22). Ao mesmo tempo, as adaptações da técnica que porventura ocorressem após o aprendizado básico, seriam consideradas a própria mutabilidade do processo, ou seja, cada contexto histórico e cultural determinaria o que seria permanente e o que seria variável.

De fato, Garcia assume como postura central de seu trabalho defender a técnica como conteúdo essencial da Educação Física escolar. No entanto, seu texto não é claro em apontar quais seriam os conteúdos técnicos considerados basilares no processo educacional. Em determinados trechos, ele diz que seriam os movimentos básicos executados de acordo com a tradição, sendo reconhecidas por sua utilidade e importância as formas mais eficientes de correr, saltar, lançar,

segurar, etc. Nesse sentido, poderíamos entender que Garcia está fazendo uma defesa de uma perspectiva desenvolvimentista, onde o aluno precisaria aprender movimentos básicos de acordo com sua idade. Essa visão está presente, por exemplo, em Gallahue (2013) e Go Tani (1988), que defendem uma Educação Física orientada para o aprendizado dos movimentos humanos essenciais, ainda que não necessariamente a eficiência seja central no aprendizado escolar para esses autores, mas sim a variedade de movimentos, a conquista de determinadas capacidades corporais, o estímulo neuromotor, entre outros elementos.

No entanto, dentro de um livro intitulado “*As virtudes do esporte na escola*”, parece que a fala de Garcia insere-se em uma apologia das técnicas esportivas. Aqui decorreria um problema: o que justificaria o conteúdo das técnicas esportivas como mais relevantes do que outras técnicas dentro da cultura corporal? Por exemplo, o que categorizaria as técnicas corporais de Ginástica, Dança, Lutas, Jogos e Brincadeiras como inferiores às técnicas dos Esportes na Educação Física escolar? Se essa é a intenção do autor, falta-lhe uma base argumentativa no texto em questão que arregimente essa proposta.

Ainda referente às técnicas em sentido esportivo, cabe lembrar que o aprendizado dos esportes já demanda um arcabouço diversificado de movimentos básicos que não podem ser aprendidos exclusivamente pela prática esportiva. Por exemplo, pode ser muito mais interessante a um aluno, que está disposto a praticar natação em caráter competitivo, ter vivenciado anteriormente técnicas globais de adaptação ao meio aquático, respiração, flutuação, deslocamentos básicos na água, entre outras tantas etapas fundamentais, do que ir diretamente para o aprendizado de técnicas complexas de nados olímpicos, tal como os estilos de crawl e borboleta. Em sentido similar, os saltos utilizados em esportes coletivos como voleibol e basquetebol são totalmente diferentes entre si, tanto por sua eficiência como finalidade; logo, seria mais lógico que, antes de um aluno ser introduzido nessas modalidades, já tivesse vivenciado os saltos mais variados possíveis em suas diferentes formas e contextos de aprendizagem.

Ademais, podemos problematizar o próprio conceito de movimento básico utilizado por Garcia (2016): se estamos falando de ações de correr, saltar ou arremessar, que estejam dotadas de uma eficiência sistematizada, ainda seriam movimentos básicos? Não se tornariam cada vez mais complexos à medida que racionalizamos tais movimentos? De fato, os esportes de alto rendimento apresentam o ápice da racionalidade dos movimentos corporais, de forma que os movimentos de corrida de atletas como Usain Bolt na prova de 100 metros rasos ou os saltos de alguém como Carl Lewis nas Olimpíadas de 1988 podem ser chamados de “básicos” apenas

como figuras de linguagem, e não no sentido real do termo, dada sua natureza extremamente complexa que é própria do rendimento competitivo.

Garcia afirma também que não existe Educação Física sem o ensino de técnicas. Somos obrigados a concordar em parte com tal colocação, dada a natureza dos conteúdos trabalhados na área; no entanto, nada justifica que as técnicas possuam caráter central na prática pedagógica. O leque de possibilidades de conteúdos a serem ensinados na área é imenso: além das formas principais trabalhadas nos currículos escolares, isto é, as Brincadeiras, Jogos, Lutas, Ginástica, Dança e Esporte, o professor de Educação Física deve mediar o aprendizado dos alunos em relação a valores, socialização, experimentação do próprio corpo em diferentes contextos, respeito e crítica às regras, conscientização de discussões relativas à saúde, sedentarismo, tecnologias, espetacularização e mercantilização dos esportes, uso, apropriação e ressignificação de espaços para práticas corporais, entre outras tantas possibilidades. Nesse sentido, por que técnicas esportivas deveriam ter uma predominância frente a tais conteúdos?

Garcia (2016) afirma que a técnica é essencial e sem ela não há aprendizado. Entretanto, tendo em vista a existência não só de técnicas esportivas de aplicação universal, mas também daquelas realizadas em contextos de cultura corporal diferentes do ambiente esportivo, nos questionamos: até onde as técnicas esportivas seriam “boas por natureza” (GARCIA, 2016, p. 29) e essenciais ao aprendizado? Garcia defende que, sem a técnica, “não haverá desenvolvimento corporal, (...) eficiência, prestígio, resultados satisfatórios, tradição, ética e valores imprescindíveis (GARCIA, 2016, p.29)”. O problema é que Garcia não deixa claro se defende as técnicas básicas ou as esportivas, as quais seriam obviamente muito mais complexas. Nesse sentido, caso exista uma técnica mais “virtuosa” que a outra, evidentemente seria a de caráter “global”, isto é, os movimentos básicos que fundamentam as técnicas esportivas. Mais importante que o aluno vivenciar os movimentos esportivos é antes aprendê-los em contextos pré-esportivos, sem uma preocupação com eficiência e rendimento, e sim na vivência e experimentação. Inverter essa lógica é o mesmo que colocar a carroça na frente dos cavalos: a progressão no aprendizado ficará comprometida.

Por fim, retomamos a crítica de Garcia aos autores progressistas, construtivistas e marxistas que teriam minado a importância da técnica e dos esportes na escola. De fato, é bem-sabido no campo da Educação Física Escolar os posicionamentos de pensadores como Valter Bracht (1986) e Coletivo de Autores (1992), que durante a redemocratização do Brasil nas décadas de 80 e 90, apresentaram propostas pedagógicas com críticas ao modelo de ensino centralizado

nos esportes, em vista de uma associação teórica do capitalismo como sistema desigual e sua propagação indireta nas práticas esportivas. Entretanto, nessa mesma época, autores como Go Tani (1988), com a proposta de Educação Física escolar de caráter Desenvolvimentista, ou mesmo a pedagogia da Saúde Renovada, de Nahas (1992) e Guedes e Guedes (1997), apresentaram novas concepções de ensino com fundamentação biológica, sem uma vinculação às ideologias de esquerda. É central em Nahas (1992) a defesa de uma Educação Física que melhore as condições de Saúde e Qualidade de Vida dos alunos, em franco combate ao sedentarismo; nesse sentido, Nahas tece críticas ao modelo esportivizado, por não atender um desenvolvimento corporal integral e sadio, bem como a existência de processos de exclusão de alunos das aulas quando não se adequavam as exigências do conteúdo esportivo. Essa visão pedagógica pode de alguma forma ser associada ao marxismo nas escolas? Acreditamos que não. Nos perguntamos, portanto, por que Garcia se omite em estabelecer um diálogo com essas propostas pedagógicas críticas ao tecnicismo esportivizante e que não aparentam ser ligadas em nada ao paradigma marxista na Educação Física escolar?

Dadas as limitações do texto analisado, é praticamente impossível assumir uma conclusão firme em relação à tese de Garcia, pois o autor não delimitou de maneira clara e objetiva a quais técnicas corporais se refere com tantos elogios. Mas já podemos, de maneira veemente, discordar do autor em relação à sua preferência por centralizar a importância da técnica na Educação Física escolar. Aprender as diferentes formas de usar o corpo em contextos variados não possui um processo pedagógico similar aos de alfabetização ou cálculos matemáticos; a complexidade de conteúdos que norteiam a prática do professor de Educação Física é vasta e diversificada. A leitura da obra pode ser interessante pela excentricidade do autor em tentar resgatar um paradigma que parecia um tanto superado na área; no entanto, falta ao livro clareza conceitual, robustez teórica e profundidade argumentativa. Também acreditamos que seja interessante para o autor empreender um diálogo com outras correntes pedagógicas da Educação Física que ganharam visibilidade após a redemocratização do país, tal como a Saúde Renovada e a Desenvolvimentista, para melhor embasar seu panorama do quadro atual que se manifesta nas disputas de métodos de ensino na área.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do esporte**, v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992

DAOLIO J; VELOZO. E. L. A. Técnica Esportiva como Construção Cultural: Implicações para a Pedagogia do Esporte. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, jan./ jul. 2008.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J; GOODWAY, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. Tennessee: AMGH Editora, 2013.

GARCIA, A (org.). **As virtudes do esporte na escola**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

GUEDES, J.; GUEDES, D. Características dos programas de educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 11, n. 1, p. 49-62, 1997.

NAHAS, M; CORBIN, C. Educação para a aptidão física e saúde: justificativa e sugestões para implementação nos programas de educação física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 6, n. 3, p. 14-24, 1992.

TANI, G; MANOEL, E; KOKUBUN, E; PROENÇA, J. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora EPU/USP, 1988.